



Sociologia histórica: releituras e perspectivas

Historical Sociology: readings and perspectives

Patrícia Bosenbecker

Doutoranda em Sociologia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

patricia.bosenbecker@ufrgs.br

Recebido: 21/10/2015

Aprovado: 09/08/2016

RESUMO:

O incremento de uma visão histórica possibilita que trabalhos na sociologia examinem questões e temas, de determinadas época, não apenas pela simples utilização de materiais históricos ou pelas generalizações empíricas, mas possibilitando uma sociologia com análises historicizadas. Por outro lado, as reflexões sociológicas assinalam possibilidades investigativas novas para historiadores, com avanços por um amplo escopo teórico social. A Sociologia Histórica enquanto abordagem pode contribuir com metodologias e aportes teóricos mais apropriados para os pesquisadores sócio-históricos, além de influenciar novas reflexões em ambas disciplinas. Este trabalho busca elencar possíveis perspectivas para a Sociologia Histórica, através da releitura da produção e do campo de atuação de três autores centrais desta abordagem, Theda Skocpol, Charles Tilly e William H. Sewell Jr.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia histórica, Teoria social, Metodologias.

ABSTRACT:

The development of a historical view enables work in sociology examine issues and themes, in certain time, not just with the simple use of historical materials or by empirical generalizations, but enabling a sociology with analyses of historical sense. On the other hand, the sociological reflections indicate new investigative possibilities for historians, with advances by a broad scope social theorist. The Historical Sociology while approach can contribute to the improvement of methods and theories used by researchers, in addition to influence new reflections in both disciplines. This paper lists possible perspectives for Historical Sociology, by re-reading the production and field three central authors of this approach, Theda Skocpol, Charles Tilly and William h. Sewell, Jr.

KEYWORDS: Historical Sociology, Social theory, Methodologies.

Este trabalho apresenta uma revisão bibliográfica e historiográfica da produção acadêmica e intelectual de alguns autores bastante atuantes na sociologia história. O objetivo é explorar as possibilidades apresentadas por este subcampo, ou abordagem, como tem sido tratada por grande parte dos autores, bem como demonstrar as perspectivas de análise e metodologias adotadas. Para realizarmos esta tarefa, selecionamos, de forma aleatória, três autores centrais da sociologia



histórica: Charles Tilly, Theda Skocpol e William H. Sewell Jr. O primeiro deles, Tilly, é talvez o autor de maior visibilidade dentre os três, com um campo de atuação extremamente amplo, consolidou sua trajetória acadêmica perpassando as disciplinas de sociologia, história, ciência política, entre outras, não só como um importante referencial teórico, mas também desenvolvendo arcabouços metodológicos relevantes. Skocpol é uma das principais autoras da sociologia histórica. Seu campo de atuação também é amplo e, atualmente, sua influência está no cenário político, na prática, uma vez que autora defende uma maior participação dos acadêmicos na sociedade, nas discussões das mais diversas esferas. Já Sewell Jr. tem um campo de atuação mais específico, como veremos, mas sua contribuição teórica tem sido fundamental no subcampo, especialmente para sua renovação. O autor tem maior repercussão nos Estados Unidos, e, em comparação com os outros autores aqui tratados, ainda é pouco conhecido no Brasil.

Primeiramente, trataremos do campo de atuação dos autores, bem como dos trabalhos desenvolvidos por eles, os tipos de pesquisas realizadas, tipo de fontes utilizadas, etc. Em um segundo momento, apresentaremos alguns dos conceitos centrais e metodologias utilizadas por eles. Neste sentido, frisaremos mais especificamente os aspectos que envolvem os conceitos de estrutura e agência. Por fim, apontamos algumas ideias dos autores sobre o subcampo da sociologia histórica, para mostrar as posições dos mesmos com relação ao futuro e às possibilidades ou restrições dentro do subcampo e do desenvolvimento das agendas dos sociólogos históricos.

Trajétórias: Theda Skocpol, Charles Tilly e William H. Sewell Jr.

Theda Skocpol¹ nasceu em Michigan, em 1947. Formou-se em sociologia na *Michigan State University*, em 1969. Fez mestrado e doutorado na *Harvard University*, concluindo seus estudos em 1975, tendo sido orientada por Barrington Moore Jr.² Até 1981, trabalhou como professora

¹ As referências profissionais e acadêmicas da autora foram obtidas a partir das páginas eletrônicas:

<http://www.gov.harvard.edu/people/faculty/theda-skocpol> [resumo da carreira da autora];

<http://www.gov.harvard.edu/files/resume/Skocpol%20CV%20Feb%202013.pdf> [*curriculum vitae* – atualizado em 2013].

² Barrington Moore Jr. (1913-2005), sociólogo político americano, professor da Universidade de Harvard desde 1948, onde lecionou para alunos como Theda Skocpol, Charles Tilly e Jeffrey Alexander. Seu primeiro trabalho *Origens Sociais da Ditadura e da Democracia* (1967 –ed. portuguesa [1966]) foi a pedra fundamental do que hoje se chama análise histórica comparada nas ciências sociais, a partir de uma sociogênese da democracia e dos regimes totalitários. Alguns de seus principais trabalhos avaliaram as violentas revoluções que deram origem as instituições democráticas. É autor de, entre outros títulos mais conhecidos no Brasil: *Injustiça: as bases sociais da obediência e da revolta* (1987 [1978]), *Pureza Moral e perseguição em História* [2000] e *Aspectos morais do crescimento econômico e outros ensaios* (1999 [1993]); *Reflexões sobre as causas da miséria humana* (1974 [1972]); *Poder Político e Teoria Social* (1972 [1958]).



assistente e associada na própria universidade de Harvard. Depois, já na *University of Chicago* lecionou e foi diretora de um centro para estudos de sociedades industriais. Voltou para Harvard em 1986, após acusar a universidade de recusar seu nome para a vaga de professora porque ela era mulher. Após avaliação de uma comissão interna da universidade, Skocpol teve sua reclamação reconhecida como legítima e acabou por se tornar a primeira socióloga professora de Harvard.

Skocpol tem uma intensa carreira acadêmica e ampla atuação. Desde 1998 é professora da cátedra *Victor S. Thomas Professor of Government and Sociology*, atuou como reitora da *Graduate School of Arts and Sciences* (Escola Superior de Artes e Ciências, 2005-2007) e foi diretora do *Center for American Political Studies* (Centro de Estudos Políticos Americanos, 2000-2006), também foi professora visitante em Amsterdam. Foi presidente da *American Political Science Association* (Associação americana de Ciência Política, 2002-03) e da *Social Science History Association* (Associação de Sociologia Histórica, 1996). Em 2007, recebeu o Prêmio Johan Skytte, um dos mais importantes da Ciência Política, oferecido pela Universidade de Uppsala, na Suécia, além de outras inúmeras premiações ao longo da carreira. Atuou no conselho editorial de várias revistas, entre elas: *American Political Science Review*, *Gender & Politics*, *Journal of Policy History*.

Suas obras também foram amplamente premiadas. Seu primeiro livro *Estados e Revoluções Sociais*, de 1979, foi traduzido para nove idiomas, incluindo uma edição em língua portuguesa, contudo, obras centrais continuam sem tradução no Brasil, como por exemplo: *Protecting Soldiers and Mothers: The Political Origins of Social Policy in the United States* (1992), *Social Revolutions in the Modern World* (1994), *Democracy, Revolution, and History* (1998), e *Diminished Democracy: From Membership to Management in American Civic Life*³. Seu campo de atuação inclui história política comparada, processos de mudança social, especialmente através de revoluções sociais, mas principalmente se concentra na política social e no engajamento cívico na democracia americana, incluindo estudos sobre mudanças desde a década de 1960. Discuti ainda o papel das mudanças institucionais na construção da vida cívica. Porém, ficou conhecida internacionalmente como importante teórica da ciência política, após sua *State Autonomy Theory* (Teoria do Estado

³ Os livros da autora são: SKOCPOL, Theda. *States and Social Revolutions: A Comparative Analysis of France, Russia, and China*. New York and Cambridge: Cambridge University Press, 1979.; SKOCPOL, Theda. *Estados e Revoluções Sociais: Uma análise comparativa entre França, Rússia e China*. Lisboa: Presença, 1985.; SKOCPOL, Theda. *Protecting Soldiers and Mothers: The Political Origins of Social Policy in the United States*. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 1992.; SKOCPOL, Theda. *Social Revolutions in the Modern World*, Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1994.; SKOCPOL, Theda. *Democracy, Revolution, and History*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1998. [Festschrift for Barrington Moore, Jr.]; SKOCPOL, Theda. *Diminished Democracy: From Membership to Management in American Civic Life*. Rothbaum Series. Norman, OK: University of Oklahoma Press, 2003.



Autônomo), na qual trabalha a ideia de que as burocracias estatais poderiam ter certo potencial para operações autônomas, o que teria sido ignorado pelos estudiosos.

Em 2009, fundou a *Scholars Strategy Network (SSN)*, da qual é a atual diretora⁴, uma organização que incentiva o engajamento político e público de professores e estudantes de universidades. No *site* da SSN podemos encontrar os trabalhos mais recentes da autora, que focam nas políticas e estratégias do presidente Barak Obama, especialmente àquelas relativas à seguridade social, saúde e as reformas pretendidas por Obama e pelo engajamento cívico dos norte-americanos. Artigos acadêmicos e publicações em jornais e revistas acompanham a trajetória da autora no SSN, especialmente citam-se *New York Times*, *Los Angeles Times*, *The Daily Beast*, ou redes de televisão e seus portais de notícias: CNN; NBC, *Deutsche Welle*. Além de se apresentar para grupos comunitários e participar de blogs, como informado na própria página da organização. A atuação no SSN deu origem a três livros publicados entre 2010 e 2012 (quando se acentuaram as atividades), em parceria com integrantes do grupo: *Health Care Reform and American Politics: What Everyone Needs to Know*, e *The Tea Party and the Remaking of Republican Conservatism*⁵.

O segundo autor selecionado para ser discutido neste espaço é Charles Tilly, outro aluno de Harvard. A produção acadêmica de Tilly impressiona: mais de 50 livros e um número entre 600 e 700 artigos científicos, publicações em revistas e jornais, congressos e eventos.⁶ Nascido em Illinois, em 1929, Tilly formou-se em sociologia em Harvard e concluiu seu doutorado em 1958. Seu irmão, Richard, formou-se em história, assim como a sua esposa. Charles Tilly atuou como sociólogo, cientista social e historiador. Foi professor de Sociologia nas universidades de Delaware, Harvard, Toronto, Michigan, onde também lecionou história, e Columbia, tendo começado suas atividades em 1956. Ocupou o cargo de professor visitante em diferentes países, atuando por diversos anos na França, em especial, na *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, na Holanda e na Suécia.

Tilly também participou de inúmeros centros de pesquisa: *Center for Research on Social Organization*; *Center for Western European Studies*; *Center for Research on Conflict Resolution*; *Center for*

⁴ Confira página eletrônica da organização: www.scholarsstrategynetwork.org. Também é possível obter um currículo atual de Theda Skocpol, bem como acessar seus trabalhos mais recentes: <http://www.scholarsstrategynetwork.org/scholar-profile/45>. Acesso em 03.01.2015.

⁵ SKOCPOL, Theda; JACOBS, Lawrence R. *Health Care Reform and American Politics: What Everyone Needs to Know*. Oxford University Press, 2010. SKOCPOL, Theda, WILLIAMSON, Vanessa. *The Tea Party Lives On - And Pulls Republicans to the Right*. SSN Key Findings, 2013.

⁶ As informações são oriundas de duas páginas eletrônicas: a primeira mantida pela Universidade do Texas em El Paso (<http://faculty.utep.edu/Default.aspx?tabid=69607>) e a segunda mantida pelo Social Science Research Council (<http://essays.ssrc.org/tilly/resources>). As duas páginas mantêm uma biografia e um currículo do autor datado de 2008: <http://faculty.utep.edu/Portals/1858/CV-Tilly-March-2008.pdf>



Studies of Social Change, entre outros concelhos e centros de pesquisa internacionais. Além disso, contribuiu em inúmeros programas de pesquisa e em associações renomadas, sendo membro da *National Academy of Sciences*, da *American Academy of Arts and Sciences*, da *American Philosophical Society*, da *Sociological Research Association* e da *Ordre des Palmes Academiques*. Foi editor e parecerista das principais revistas acadêmicas das ciências sociais e humanas, tais como *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, *French Historical Studies*, *American Journal of Sociology*, entre outras.

O autor contribuiu significativamente para as discussões envolvendo metodologias de pesquisa no âmbito da história e da sociologia. Suas primeiras, e também principais obras, são da década de 1980, citamos especialmente as obras *As Sociology Meets History*, de 1981, e *Big Structures, Large Processes, Huge Comparisons*, de 1985. Há, contudo, títulos mais recentes publicados em 2008, *Explaining Social Processes* e *Describing, Measuring, and Explaining Struggle*⁷. Estes dois títulos são as últimas obras publicadas oficialmente por Tilly, que faleceu em abril de 2008.

O autor se preocupou com temáticas relativas aos confrontos políticos, movimentos sociais, história do trabalho, formação do Estado, democracia, desigualdades e revoluções. Além destes temas, Tilly elaborou algumas pesquisas sobre sociologia urbana. Entre suas principais obras estão: *The Vendée: A Sociological Analysis of the Counter-revolution of 1793* (1964); *From Mobilization to Revolution* (1978); *European Revolutions, 1492–1992* (1993); *Contention & Democracy in Europe, 1650–2000* (2004); *Social Movements, 1768–2004* (2004); *Regimes and Repertoires* (2006); *Democracy* (2007). Contudo, poucas obras foram publicadas em português: ressaltam-se: *Democracia* (2013) e *Coerção, capital e estados europeus* (1996), além de alguns artigos disponíveis em português, publicados nas revistas brasileiras.⁸

O campo de atuação de Tilly foi também extremamente vasto e dinâmico. O autor atuou sensivelmente para o desenvolvimento da sociologia histórica, trabalhando com metodologias quantitativas na análise histórica, na catalogação de eventos e de modos de pesquisa para redes sociais. Tilly desenvolveu um mecanismo de análise, que originou uma *Teoria do Processo Político ou do Confronto Político*. Neste sentido, ele buscou explicar “o surgimento e o desenrolar de

⁷ Os livros do autor aqui citados são: TILLY, Charles. *As Sociology Meets History*. New York: Academic Press, 1981.; TILLY, Charles. *Big Structures, Large Processes, Huge Comparisons*. New York: Russell Sage Foundation, 1985.; TILLY, Charles. *Explaining Social Processes*. Boulder: Paradigm Publishers, 2008; TILLY, Charles. *Describing, Measuring, and Explaining Struggle*. In: *Qualitative Sociology* Vol. 31, nº 1, 2008.

⁸ As publicações de Tilly citadas neste parágrafo são: TILLY, Charles. *The Vendée*. Cambridge: Harvard University Press; London: Edward Arnold, 1964; TILLY, Charles. *From Mobilization to Revolution*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley, 1978; TILLY, Charles. *European Revolutions, 1492–1992*. Oxford: Basil Blackwell, 1993; TILLY, Charles. *Contention and Democracy in Europe, 1650–2000*. Cambridge: Cambridge University Press; 200.; TILLY, Charles. *Social Movements, 1768–2004*. Boulder: Paradigm Publishers, 2004; TILLY, Charles. *Regimes and Repertoires*. Chicago: University of Chicago Press, 2006; TILLY, Charles. *Democracy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007; TILLY, Charles. *Democracia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013; TILLY, Charles. *Coerção, capital e estados europeus*. São Paulo: ed. Edusp, 1996.



mobilizações coletivas mediante a reconstrução do contexto político, ou da *estrutura de oportunidades e ameaças políticas*, principalmente as relações de força entre as autoridades – grupos ocupando cargos no Estado –, e os desafiantes – que se encontram do lado de fora”⁹. O autor ainda utilizou uma metodologia de pesquisa própria que chamou de *política contenciosa*¹⁰.

Ao trabalhar com os movimentos sociais, Tilly discutiu o papel das ações coletivas e procurou perceber o impacto das transformações nas estruturas sociais. O autor destacou as interações e conexões entre os membros dos grupos como fatores centrais para a ação coletiva. Os trabalhos de Tilly sobre movimentos sociais foram, parafraseando Ângela Alonso, um divisor de águas nesta temática, pois ele focalizou “fatores eminentemente políticos na compreensão do processo de mobilização coletiva”¹¹. Nestas pesquisas, Tilly utilizou dados quantitativos, e acervos variados que incluíram jornais em números bastante significativos. Pesquisando conflitos na Grã-Bretanha, Tilly montou um banco de dados com mais de oito mil casos, selecionados entre dez jornais britânicos que perpassam o século XVIII e XIX.

Além disso, utilizou como método a análise histórica comparativa para tratar de ações coletivas e trabalhou a partir de uma ideia de compreensão histórico-processual para avaliar trajetórias de democratização.¹² Tilly tratou de trajetórias de estados democráticos¹³ em períodos de longa duração e de natureza contingente, nos quais alguns mecanismos e processos combinados e sequenciais acabaram produzindo resultados democráticos variados. Esta nova visão dos processos democráticos implicou novos enfoques teóricos e explicações de outro alcance. Nesse sentido, podemos obter algumas discussões metodológicas sobre explicações causais e análises sócio-históricas em dois livros: *Reasons why* e *Trust and rule*¹⁴.

Já terceiro e último autor selecionado para ser tratado neste artigo é William H. Sewell Jr.¹⁵. Nascido em Oklahoma, em 1940, é professor da cátedra *Frank P. Hixon Distinguished Service*

⁹ ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. *Sociologia e Antropologia*, v.02, n° 03, p. 21 – 41, 2012, p. 21.

¹⁰ ALONSO, Angela e GUIMARÃES, Nadya Araujo. Entrevista com Charles Tilly. *Tempo Social, (USP)*, v. 16, n. 2. p. 289-297, 2004.

¹¹ ALONSO. Repertório, segundo Charles Tilly, p. 21.

¹² ROSAS, António. *Mecanismos, Processos e Democracias*: a sociologia histórica de Charles Tilly e a história breve mas turbulenta de um lago. In: *História – Revista da Faculdade de Letras*. Porto, III Série, v. 8; p. 481-496, 2007, p. 492.

¹³ Não é nosso interesse neste trabalho tratar de forma aprofundada sobre a importante contribuição teórica de Tilly para os estudos de democracias, contudo uma discussão sobre esta teoria e sua aplicação pode ser vista de forma detalhada em ROSAS, António. *Mecanismos, Processos e Democracias*.

¹⁴ TILLY, Charles. *Trust and Rule*. Cambridge: Cambridge University Press; 2005.; *Reasons Why, Sociological Theory* 22: 445-454, 2004.

¹⁵ Sewell Jr. é filho de William Hamilton Sewell (1909 - 2001) também sociólogo, chanceler da Universidade de Wisconsin-Madison entre 1967-1968, onde lecionava desde 1946, trabalhando com pesquisas envolvendo temáticas da educação, da desigualdade e da pesquisa empírica na sociologia. Em 1971, Sewell (pai) ocupou o cargo de presidente da *American Sociological Association*.



*Professor Emeritus of History and Political Science, na University of Chicago*¹⁶. O mais jovem autor aqui tratado tem sua formação em história e fez importantes contribuições para a teoria social e metodologia de pesquisa sócio-histórica. Sua área de atuação é o trabalho moderno, ao qual se restringe às pesquisas na França, desenvolvendo aspectos da história política, cultural e social, com influente produção no campo da teoria social. Tilly também apresenta trabalhos que tem como corpo empírico a nação francesa, contudo seu escopo é mais amplo, ligado a vários países europeus. Skocpol também trabalha com vários países, embora seu foco atual de pesquisa seja os Estados Unidos, a autora já trabalhou com dados empíricos sobre Rússia e China.

Sewell Jr. possui graduação, mestrado e doutorado em História, este último concluído em 1971, na *University of California, Berkeley*. Trabalhou como professor de história na *University of Chicago* até 1975, retornando em 1990. Passou também por faculdades no Arizona e em Michigan. Esteve ainda em Saint-Denis, na França, como professor visitante. Participou como membro de algumas organizações como o *National Humanities Center* e do *Canadian Institute for Advanced Research*. Foi vice-presidente e presidente da *Social Science History Association*, em 2010-11.

Entre as principais obras do autor estão *Logics of History: Social Theory and Social Transformation*, premiado como melhor livro na área de teoria sociológica, pela associação americana de sociologia. Este livro conta com uma tradução italiana e outra chinesa prevista. Outras duas obras centrais para Sewell Jr. são *Work and Revolution in France: The Language of Labor from the Old Regime to 1848* (1980), trabalho premiado pela associação americana de história, com tradução para o francês, italiano e espanhol, e *Structure and Mobility: The Men and Women of Marseille, 1820-1870*¹⁷. O seu mais importante artigo, *A Theory of Structure*, de 1992, ganhou tradução para o espanhol em 2006¹⁸. Contudo, até a publicação deste texto, não encontramos nenhum trabalho de Sewell publicado em português, embora seja um autor com recente destaque no cenário internacional, com importantes contribuições para a sociologia histórica e para a teoria social.

¹⁶ As informações principais aqui reunidas foram encontradas na página do professor Sewell Jr., no departamento de história, da Universidade de Chicago: <https://history.uchicago.edu/directory/william-h-sewell-jr>, além de seu currículo: <http://political-science.uchicago.edu/people/faculty/Sewell%20CV.pdf>

¹⁷ Os títulos aqui tratados são: SEWELL, William H. Jr. *Logics of history: social theory and social transformation*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.; SEWELL, H. Jr. *Structure and Mobility: The Men and Women of Marseille, 1820-1870*. Cambridge University Press, 1985.; SEWELL, William H. Jr. *Work and Revolution in France: The Language of Labor from the Old Regime to 1848*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

¹⁸ As duas versões aqui mencionadas são: SEWELL, William H. Jr. "A Theory of Structure: Duality, Agency, and Transformation," In: *American Journal of Sociology*, nº 98, 1992, p. 1-29, e SEWELL, William H. Jr. Uma teoria de estrutura: Dualidad, Agencia y transformación. *Arxius de ciències Socials* (València/Espanha), nº 14, 2006, p. 145-176. O mesmo texto está reeditado como capítulo 4 do livro *Logic of History*, inclusive com o mesmo título. Usamos neste artigo, a versão de 1992.



De certa feita, a carência de tradução dos trabalhos desses e de outros autores da sociologia histórica limita em parte a abrangência dos autores no Brasil, especialmente, pela dificuldade dos alunos conseguirem ler os textos em inglês ou adquirirem as publicações, embora o acesso aos artigos publicados em periódicos seja possível para estudantes pelos portais das universidades ou da própria CAPES, por exemplo. A carência de traduções é recorrente em várias áreas e para produção existente em vários países.

Estrutura e agência em perspectiva sócio-histórica

Uma das obras principais de Theda Skocpol é *Estados e Revoluções Sociais*¹⁹, que trata de uma análise comparativa macro-histórica. A autora recorre ao método comparativo, amparada na fundamentação histórica e busca produzir generalizações. Uma de suas marcas profissionais está na ênfase de que uma boa teoria resulta da análise histórica concreta e não pode ser obtida através da constituição de ideias gerais.²⁰

O principal método utilizado por Skocpol é a análise de concordância e diferença, orientada pelo método comparativo de John Stuart Mill. Basicamente, uma primeira tentativa comparativa ocorre pelo método da concordância, onde se comparam dois casos que compreendem o fenômeno investigado, ou seja, procura-se “casos positivos”. Para provar que a causa existe não basta somente a ocorrência das mesmas variáveis nos casos. Assim, passa-se para o método da diferença, quando outros casos são incorporados à análise, sendo que nestes novos casos o objeto de investigação não está presente, ou seja, são “casos negativos”. Se as variáveis investigadas não se evidenciem nestes últimos, está isolado o fator causal.²¹

O escopo central de *Estados e Revoluções Sociais*²² é uma análise através da história de França, China e Rússia, e de suas principais revoluções, para elaborar uma comparação, testar hipóteses explicativas e causais de acontecimentos, ou mais especialmente, das estruturas que marcam os Estados. O conceito de revolução social adotado por Skocpol “pressupõe transformações rápidas e radicais das estruturas de classe e de estado de uma dada sociedade”²³. É neste sentido que Skocpol persegue a mudança social, ou seja, no interior das estruturas das

¹⁹ SKOCPOL. *Estados e Revoluções Sociais*.

²⁰ GONÇALVES. Margareth de Almeida. *O desafio da sociologia histórica: uma análise comparativa entre Barrington Moore e Theda Skocpol*. In: Revista *Universidade Rural, Sér. Ciências Humanas*. V. 17, nº 1/2, pp. 69-85, 1995, p. 77.

²¹ MULHALL, Terry; MORAIS, Jorge Ventura de. “Mapeando o Reino” da sociologia histórica: Reflexões acerca do modelo teórico-metodológico de Theda Skocpol. In: *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. n. 45, 25-50, 1º semestre de 1998.

²² SKOCPOL. *Estados e Revoluções Sociais*.

²³ GONÇALVES. *O desafio da sociologia histórica*, p. 77.



nações, dos estados, das classes, etc. Desta forma, a autora “adota para a análise das revoluções sociais uma perspectiva estrutural não voluntarista, dando relevância a variáveis exógenas, o contexto internacional, o peso das relações transnacionais, vinculados à expansão econômica do capitalismo”²⁴.

No interior da mesma perspectiva, o Estado pode ser percebido como ator social, com certa autonomia, que persegue seus interesses, e não pode ser considerado apenas como uma expressão das classes dominantes. Desta forma, destacam-se o papel das forças políticas, das classes que formam as nações e as relações entre os Estados. No que tange às revoluções que ocorrem dentro do Estado-nação, Skocpol analisa os conflitos a partir de três componentes, que devem passar pelos Estados, objetos da pesquisa, sendo a crise política, a pressão externa e o campesinato. A sua teoria das revoluções pressupõe a presença dos três fatos causais em cada Estado.

Um dos principais críticos do livro é Michael Burawoy²⁵, que ataca mais especificamente a teoria de revoluções sociais da autora, alegando que há uma orientação generalista indutiva na análise. Esta indução usada como método estaria no lugar de uma teoria. Talvez a crítica de Burawoy esteja mais focalizada ao uso do método indutivo, ao qual alega ser uma falsa objetividade, por não oferecer soluções para o tratamento empírico. Contudo, a tentativa de Skocpol é justamente usar a *sociologia histórico comparativa* para mostrar que a produção de conhecimento se dá no empírico, como forma de afirmar a teoria.²⁶ Já a principal crítica de Mulhall e Moraes²⁷ à teoria e método de Skocpol se situa na causalidade que estaria limitada a poucas variáveis (para os autores Skocpol tentou explicar determinados eventos históricos, ou seja, as revoluções, a partir de duas causas centrais: a crise de governo e as rebeliões populares).

Como podemos perceber, a partir desta obra de Theda Skocpol, as organizações são os focos centrais para a autora, sejam estados ou classes sociais, por exemplo. Seus conceitos centrais se aplicam em dimensões macro existentes na sociedade e profundamente vinculados aos aspectos estruturais. A seguir, optamos por mostrar um autor que também possui grande expressão na sociologia histórica, com ampla produção e influência nas duas disciplinas. Mas mesmo com uma produção mais diversificada, Charles Tilly parece também ter conceitos especialmente demarcados pelas suas próprias dinâmicas metodológicas e linhas de pesquisa.

²⁴ _____. O desafio da sociologia histórica. p. 77.

²⁵ BURAWOY, M. Two methods in search of science. Skocpol versus Trotsky. *Theory and Society*, n, 18, 1989, p. 759-805.

²⁶ _____. O desafio da sociologia histórica. p. 79.

²⁷ MULHALL; MORAIS. Mapeando o reino.



Tilly esteve primeiramente preocupado com as dimensões políticas das mobilizações coletivas. A influência que Tilly recebeu dos *Annales* colaborou para incluir o escopo da análise dos processos culturais, bem como a alternativa oferecida pelos estudos de longa duração. Contudo, conforme pontua Alonso enquanto os pesquisadores franceses centravam seus estudos nas mentalidades e nas maneiras de pensar e viver de determinadas épocas, Tilly se preocupava com as formas políticas de agir. Neste momento, surge a noção de repertório das ações coletivas, um conceito que:

[...] ressaltava a temporalidade lenta das estruturas culturais, mas dava espaço aos agentes, pois que a lógica volátil das conjunturas políticas os obrigaria a escolhas contínuas, conforme oportunidades e ameaças cambiantes – em contextos democráticos, passeatas são mais seguras que guerrilhas; em contextos repressivos, pode bem ser o contrário.²⁸

Já na década de 1990, trabalhos críticos sobre a teoria de Tilly ecoaram especialmente dos estudiosos dos *Novos Movimentos Sociais*. Tilly estaria deixando de lado os aspectos simbólicos das mobilizações sociais e trabalhando com dinâmicas culturais sem se apropriar de definições específicas de uma teoria cultural em sua produção. Com a revisão dos repertórios de ação coletiva, surge o “repertório de confronto”. Tilly, então, partia para as formas de ação compartilhadas, no escopo de uma sociologia política, deixando de fora valores, crenças e formas de pensar. Conforme Alonso²⁹, Tilly incluiu mais arranjos sociais, acordos compartilhados, entre outros termos que fizeram seu trabalho perder um pouco do caráter estruturalista da década anterior. Por outro lado, a agência, ou capacidade de escolha dos indivíduos, aparece com mais força e a ação ganha novos sentidos. O interacionismo simbólico dava a Tilly uma importante contribuição.

Ainda nos anos 1990, Tilly retomou o tema da mudança, especialmente a partir da discussão entre inovação e difusão de repertórios. Como pano de fundo, o autor avaliou a ligação entre estrutura e agência, pontuando-as como relacionais, ou seja, a estrutura limita a capacidade de inovação dos atores, contudo, os atores tendem a inovar para romper “antigas” maneiras. As mudanças se explicavam estruturalmente a partir de uma perspectiva histórica. Com os avanços das pesquisas de Tilly para o século XIX, o autor se deparou com os Estados nacionais, como importante mudança de repertório. Assim, ele buscou conectar mudanças estruturais e mudanças culturais, entretanto, recebeu críticas, pois cultura aparecia como prática, não relaciona a aspectos cognitivos, afetivos ou simbólicos.³⁰

²⁸ ALONSO. Repertório, segundo Charles Tilly, p. 22.

²⁹ _____. Repertório, segundo Charles Tilly, p. 25.

³⁰ ALONSO. Repertório, segundo Charles Tilly, p. 27.



Na terceira e última fase do escritor, conforme avaliação de Alonso, Tilly abriu mais espaço para a agência na análise das interações conflituosas, especialmente, após as críticas de abordagens culturais a sua tentativa de abordagem mais cultural da mobilização política. Assim, acabou por assumir os aspectos mais estruturalistas de seu trabalho anterior, passando para uma espécie de realismo relacional. Assim, partiu para analisar o uso do repertório em conflitos políticos, focando na forma pela qual os agentes lidam com suas performances.

Já abatido por problemas de saúde, Tilly buscou consolidar seus escritos em livros como *Identities, boundaries & social ties* (2005), *Repertoires and regime* (2006) e *Contentious performance* (2008)³¹. Ao consolidar seu conceito de repertório, Tilly mostrou que os atores podiam modificar as performances previstas no repertório, através de improviso e inovação. Conforme Alonso: “A transferência de repertórios é, então, processo relacional e disputado (pelos agentes em interações conflituosas), histórica e culturalmente enraizado (o peso da tradição) e condicionado pelo ambiente político nacional (as estruturas de oportunidade)”³².

Os dois autores até aqui mostrados são amplamente reconhecidos e consolidados na sociologia e na história. Skocpol e Tilly marcam seus campos de atuação com conceitos delimitados ao longo de décadas de trabalho a partir de temáticas amplas focadas em temas de grande visibilidade em ambas as disciplinas, como Estados nacionais, democracia e revoluções sociais. Um contraponto pode ser feito com William H. Sewell Jr., autor que possui uma produção menor em comparação com os anteriores e mais focalizada nas temáticas do trabalho, especialmente desenvolvida em torno da teoria social. No que tange as posições de Sewell Jr. sobre estrutura e ação, tomamos o seu texto *A Theory of Structure*³³ e um artigo de autoria de Dylan Riley³⁴, que faz uma crítica ao livro *Logic of History*.

No texto de Sewell Jr., o autor desenvolve uma teoria da estrutura que busca superar alguns pontos deficitários que ele mesmo considera no escopo das formas de utilização do conceito de estrutura, bem como, na criação desta teoria, além disso, ele procura reconhecer a agência dos atores sociais e construir a possibilidade de mudança dentro do conceito de

³¹ TILLY, Charles. *Identities, Boundaries, and Social Ties*. Boulder: Paradigm Publishers, 2005. TILLY, Charles. *Regimes and Repertoires*. Chicago: University of Chicago Press, 2006. TILLY, Charles. *Contentious Performances*. Cambridge University Press, 2008.

³² _____. Repertório, segundo Charles Tilly, p. 31.

³³ SEWELL. A theory of structure.

³⁴ Utilizamos aqui: RILEY, Dylan. The historical Logic of Logics of History. Language and Labor in William H. Sewell Jr. In: *Social Science History*, v. 32, n° 4, 2008, pp. 555-565. Riley é professor de sociologia, da Universidade da Califórnia – Berkeley. Trabalha com sociologia política, teoria social e sociologia histórica comparativa, em especial, seu campo de trabalho se relaciona com temáticas sobre democracias, totalitarismos e fascismo. Confira: <http://sociology.berkeley.edu/faculty/dylan-john-riley>.



estrutura³⁵ e superar a divisão entre as visões semióticas e materialistas da estrutura. Sewell Jr. se propõe a avaliar criticamente primeiramente as formulações produzidas por Anthony Giddens, a partir da “dualidade da estrutura”, e por Pierre Bourdieu, sobre *habitus*, para formar uma teoria mais adequada.

O texto começa mostrando claramente sua relação com a linguagem e, assim, com noções mais estruturalistas. Estrutura estaria operando no discurso das ciências sociais como um mecanismo capaz de identificar uma realidade social complexa como explicação de uma totalidade. Conforme pode ser notado nesta frase:

O termo estrutura dá força ao que designa. Estrutura, em seu sentido nominativo, implica sempre estrutura em seu sentido transitivo verbal. Qualquer aspecto da vida social que designamos como estrutura é posto como ‘estruturando’ a existência de algum outro aspecto da vida social [...].³⁶

A partir de então, Sewell Jr. passa a detalhar alguns problemas que ele observa com relação ao conceito de estrutura, que a seu ver não era um conceito preciso e sim uma metáfora. O primeiro problema avaliado era um determinismo causal demasiado da vida social dos argumentos estruturais. Assim, as características da existência social são tidas como rígidas e imutáveis, quando não os processos sociais são vistos como secundários e superficiais. Por este modelo, a estrutura é impermeável à ação humana. O segundo problema, era de que, segundo a visão estabelecida no primeiro problema, a estrutura é estável e, dessa forma isenta de mudança. O último problema estaria relacionado ao caráter contraditório dos sentidos existentes no discurso científico social para a terminação estrutura, especialmente nas interpretações centrais da sociologia e da antropologia.

Depois de uma longa discussão sobre a perspectiva da dualidade da estrutura de Giddens e do *habitus* de Bourdieu, Sewell Jr. começa a desenhar a sua posição, mostrando porque a mudança estrutural é possível³⁷. Para o autor, o conceito de estrutura é crucial para teorizar a mudança social. Contudo, o autor aponta que é quase impossível que a mudança possa existir no

³⁵ Sewell Jr. critica a postura de Bourdieu por ele não conseguir explicar a mudança como decorrência do funcionamento das estruturas. Contudo, Riley alega que Sewell cai na mesma objeção da própria crítica enquanto mantém sua teoria dentro de uma lógica da linguagem. (Veja mais detalhes em: RILEY. *The historical Logic of Logics of History*, p. 564.)

³⁶ SEWELL. *A theory of structure*, p. 2. Tradução livre, parágrafo original: “The term structure empowers what it designates. Structure, in its nominative sense, always implies structure in its transitive verbal sense. Whatever aspect of social life we designate as structure is posited as “structuring” some other aspect of social existence-whether it is class that structures politics, gender that structures employment opportunities, rhetorical conventions that structure texts or utterances, or modes of production that structure social formations.”

³⁷ SEWELL. *A theory of structure*, p. 16 e seguintes.



interior do funcionamento das estruturas, o que só poderia ocorrer com a adoção de concepções mais plurais, contingentes e fraturadas da sociedade e da própria estrutura.

Nesse sentido, apresenta o que chama de um vocabulário conceitual apropriado para mostrar como as operações ordinárias das estruturas podem gerar transformações, contando com cinco (5) axiomas chaves. O primeiro deles trata da *multiplicidade das estruturas* (1), ou seja, ideia de que as sociedades se baseiam em práticas que provêm de estruturas distintas, existentes em níveis diferentes, e que operam também de forma diferente e que se baseiam, por sua vez, em recursos variados quando ao tipo e a quantidade. Depois, o autor fala da *transposição dos esquemas* (2). Os esquemas são obtidos pelos atores sociais através de amplo conjunto de circunstâncias, e tratam de procedimentos generalizados ou transferíveis aplicados à representação da vida social. Estes esquemas, para o autor, são aplicados a diversos e variados casos seja nos contextos nos quais foram gerados ou não.

A *imprevisibilidade da acumulação dos recursos* (3) é outra característica. Os recursos como consequência da representação de esquemas culturais não são previsíveis. Por outro lado, os esquemas são diferencialmente válidos quando postos em ação, ao mesmo tempo em que estão potencialmente sujeitos à modificação. Já a *multiplicidade de significados (ou polissemia) dos recursos* (4) deve ser considerada uma vez que os recursos encarnam esquemas culturais e, assim como, textos ou outras representações, o seu significado nunca é completamente inequívoco. Por fim, o autor trata da *interação das estruturas* (5), que tomariam lugar tanto na dimensão dos esquemas quanto dos recursos. Assim, ele define o seu ponto de vista sobre a estrutura:

As estruturas, então, são conjuntos de esquemas e recursos mutuamente sustentados que outorgam poder e constroem a ação social e que tendem a ser reproduzidos por dita ação social. Mas sua reprodução nunca é automática. As estruturas estão em risco, ao menos de alguma magnitude, em todos os encontros sociais que formam – porque as estruturas são múltiplas e se cruzam, porque os esquemas são transponíveis e porque os recursos são polissêmicos e se acumulam imprevisivelmente. Colocando a relação entre recursos e esquemas culturais no centro de um conceito de estrutura, se faz possível mostrar como a mudança social, ao menos que a estase social, pode ser gerada pela representação de estruturas na vida social.³⁸

³⁸ SEWELL. A theory of structure, p. 19. Tradução livre para: “Structures, then, are sets of mutually sustaining schemas and resources that empower and constrain social action and that tend to be reproduced by that social action. But their reproduction is never automatic. Structures are at risk, at least to some extent, in all of the social encounters they shape-because structures are multiple and intersecting, because schemas are transposable, and because resources are polysemic and accumulate unpredictably. Placing the relationship between resources and cultural schemas at the center of a concept of structure makes it possible to show how social change, no less than social stasis, can be generated by the enactment of structures in social life.”



Nos quatro primeiros aspectos citados acima, Sewell Jr. está claramente embebido pelas delimitações e especificações conceituais da linguagem. No último, que o autor constrói a partir de um contraponto entre as estruturas da sociedade capitalista e da organização do trabalho, fica latente a influência da teoria do trabalho em sua carreira. Este trânsito construído por Sewell Jr. entre uma teoria da linguagem e do trabalho é o ponto de partida para a crítica de Dylan Riley (2008) ao livro *Logic of history*, que engloba a produção de Sewell Jr, mostrando sua preocupação com uma teoria da mudança histórica, baseada na combinação de duas práticas humanas: linguagem e trabalho, e como elas também contribuem para as mudanças estruturais.

O próprio Riley dividi o trabalho de Sewell Jr. em 3 períodos:³⁹ no período que ele chama de primeira onda cultural, Sewell delimitou que o trabalho e a linguagem co-determinavam a mudança histórica. No próximo período, da grande virada cultural, as lógicas da linguagem se tornaram dominantes, e, no período que ele determina de virada pós-cultural, a lógica do trabalho retornou para o uma posição central. Riley acredita que há uma tensão nas questões propostas no trabalho de Sewell. Em parte, essa tensão pode estar originada na forma pela qual o livro foi escrito, uma vez que o mesmo foi construído ao longo de 17 anos, tendo suas principais questões sido gestadas entre 1992 (data do artigo sobre teorias da estrutura) e 2000.

Riley (2008) ainda trata mais propriamente dos pontos centrais de Sewell Jr., especialmente, considerados no capítulo *A Theory of structure*, que repetimos é o mesmo publicado sob forma de artigo. Tratando da perspectiva criada pelo autor relativa às mudanças e estruturas, Riley alega:

Além disso, como uma teoria geral da mudança estrutural, o argumento de transposição está aberto a sérias objeções, porque não pode explicar adequadamente uma condição fundamental para a possibilidade de eventos: os novos conteúdos para os quais esquemas culturais existentes podem ser aplicados. Os novos conteúdos devem ser explicados em termos de prática humana, não estipulado como universais.⁴⁰

Estas questões somente seriam resolvidas na terceira parte do trabalho de Sewell Jr, que está mais desenvolvida nos capítulos finais do livro, na qual Sewell Jr. “desloca o conceito de

³⁹ RILEY. The historical logic of logics of history, p. 555-556. Os três períodos conforme propostos originalmente por Riley são: “The Early Cultural Turn”, “The High Cultural Turn” e “The Postcultural Turn”.

⁴⁰ _____. The historical logic of logics of history, p. 563. Tradução livre para: “Further, as a general theory of structural change, the transposition argument is open to serious objections, because it cannot adequately account for one fundamental condition of the possibility of events: the new contents to which existing cultural schemas can be applied. These new contents must be explained in terms of human practice, not stipulated as universals.”.



transposição através de estruturas de seu papel explicativo central e introduz a noção da relação repleta de tensão entre a lógica da linguagem e da lógica do trabalho”⁴¹.

Outra crítica é relativa à *multiplicidade de estruturas* proposta por Sewell, que, na perspectiva de Riley, não consegue explicar porque ocorre o surgimento de novos conteúdos ou situações objetivas para que os agentes o apliquem em esquemas culturais pré-existentes (da mesma forma que Bourdieu também não teria conseguido chegar a esta publicação). Para Riley, estas questões somente se resolveriam com a reconceitualização de estrutura na própria obra de Sewell, na qual estrutura não seriam mais esquemas e recursos, mas a inter-relação dialética de diferentes formas de prática humana com temporalidades contrastantes. Assim, Sewell Jr. construiu uma dinâmica da estrutura, que deveria ser elaborada de forma sistemática e posta a serviço de uma teoria dos eventos.⁴²

Por outro lado, Sewell Jr. elabora um conceito particular de agência, como constituinte da estrutura, para ele:

Ser agente significa ser capaz de exercer certo grau de controle sobre as relações sociais onde nos encontramos imersos, o qual implica, então, a habilidade de transformar em certo grau essas relações sociais. Como eu o vejo, os agentes estão dotados, pelas estruturas, de poder para atuar com ou contra outros, tem conhecimento dos esquemas que contém a vida social e também acesso em alguma medida aos recursos, tanto humanos como não humanos.⁴³

Assim, a agência surge do conhecimento que os agentes possuem dos esquemas e da forma pela qual estão habilitados para os aplicar em novos contextos. Nesse sentido, a agência supõe a existência de estruturas. Embora, a agência seja inerente a todas as pessoas, ela opera e se difunde de maneiras diferentes e variadas, estando também delimitadas por variações culturais e históricas. Por outro lado, também difere nos sentidos de uniformidade entre seres humanos e em extensão entre e dentro das sociedades. Isso significa que a ocupação de diferentes posições sociais oferece a possibilidade de conhecer diferentes esquemas e ter acesso a diferentes tipos de recursos e, por sua vez, recorrer a diferentes possibilidades de recursos. Mas isto não significa que pessoas em posições análogas possam ter o mesmo tipo de alcance na agência, pelo contrário,

⁴¹ RILEY. The historical logic of logics of history, p. 563. Tradução livre do trecho: “In this body of work Sewell displaces the concept of transposition across structures from its central explanatory role and introduces the notion of the tension-filled relationship between the logic of language and the logic of labor.”

⁴² Conforme a opinião de RILEY. The historical logic of logics of history, p. 563-564.

⁴³ SEWELL. A theory of structure, p. 20. Tradução livre do parágrafo: “To be an agent means to be capable of exerting some degree of control over the social relations in which one is enmeshed, which in turn implies the ability to transform those social relations to some degree. As I see it, agents are empowered to act with and against others by structures: they have knowledge of the schemas that inform social life and have access to some measure of human and nonhuman resources.”



Sewell Jr. mostra através de alguns exemplos que pessoas que ocupam cargos semelhantes, como o proprietário de uma galeria em S. Louis e outro, em Los Angeles, não necessariamente podem ter uma forma de agência com o mesmo sentido ou alcance, pois as estruturas e agências que possuem estão carregadas de diferenças de poder.

Sewell Jr., por fim, trata da agência enquanto coletiva ou individual. Ele reconhece que a agência sempre foi mais tratada como sendo social ou coletiva, contudo procura mostrar que os esquemas e a remobilização de recursos que constituem a agência sempre são atos de comunicação com os outros. Agência, para o autor, implica a habilidade para coordenar as ações das pessoas, para fazer projetos coletivos, contudo, por outro lado, o alcance do exercício da agência tende a depender das posições que cada um ocupa nas organizações coletivas. Assim, “o exercício da agência pelas pessoas é coletiva tanto em suas fontes como em seus modos de exercita-las. A agência pessoal está, portanto, carregada de diferenças de poder produzidas coletivamente e implicadas em lutas e resistências igualmente coletivas”⁴⁴.

A crítica Riley recai sobre os novos contextos gerados a partir das tentativas proporcionadas pelos agentes que tentavam aplicar suas ações, a partir do conhecimento que adquiriam dos esquemas existentes na sociedade. Esses “novos contextos” para Riley, conteúdos a que as categorias transpostas são aplicadas para Sewell, não foram explicadas em sua totalidade. Sewell Jr. tentou resolver tal situação ao delinear uma *multiplicidade de estruturas*, que seria uma condição universal nas sociedades. Contudo, dessa forma acabou por enfraquecer um de seus pontos centrais, quando alegou que os eventos seriam raros.⁴⁵

Sewell Jr. reconhece, no fim do texto, que seu conceito de estrutura é bastante geral. O premiado artigo e também o livro, lançado mais de uma década após, marcam novos aspectos conceituais não somente na sociologia, mas principalmente na história. A ideia do autor de discutir conceitos-chaves a partir de uma teoria sociológica, com ampla influência na história é bastante positiva.

Perspectivas para a sociologia histórica

No tópico anterior, tratamos dos principais aspectos conceituais dos autores aqui analisados, ressaltando as mais recentes contribuições realizadas especialmente por William H. Sewell Jr. Neste tópico pretendemos tratar das concepções sobre o próprio subcampo da

⁴⁴ SEWELL. A theory of structure, p. 21. Tradução livre do trecho: “But the agency exercised by persons is collective in both its sources and its mode of exercise. Personal agency is, therefore, laden with collectively produced differences of power and implicated in collective struggles and resistances.”

⁴⁵ Riley enfoca o efeito contraditório que existiria entre eventos serem raros e as estruturas serem múltiplas, veja a discussão em RILEY. The historical logic of logics of history, p. 562-563.



sociologia histórica, bem como mostrar possíveis temáticas para futuras explicações e para a própria consolidação da sociologia histórica como abordagem tanto para historiadores quanto para sociólogos. Desta forma, trataremos mais especificamente de dois nomes que ao longo das últimas décadas descreveram os avanços e as fronteiras do subcampo: Theda Skocpol e Charles Tilly.

Tilly possui grande importância quando o tema é a relação entre história e sociologia. No subcampo da sociologia histórica teorizou sobre o caráter das explicações nas ciências sociais, defendendo a pesquisa de mecanismos de amplo escopo e processos de longa duração, por meio da comparação histórica, repelindo sempre as teorias universalistas, descoladas da pesquisa empírica.⁴⁶

Por um lado, Tilly recebeu três importantes influências sobre o trato com pesquisas históricas oriundos dos seus próprios professores: Pitirim Sorokin, que utilizou grandes cenas históricas como matéria-prima para o estudo de estágios sócio-culturais; George Homans, que alternou entre estudos de interação social contemporânea e análises históricas quantitativas com tópicos como a vida em vilas medievais; Barrington Moore Jr. que tratou da história comparativa para responder questões relativas aos processos políticos relacionados, e, claro, as origens sociais da ditadura e da democracia. A partir dos três professores, ele observa que a relação entre história e sociologia perpassava pela utilização dos métodos de sínteses de época, etnografia retrospectiva e comparação crítica.⁴⁷ Por outro lado, Tilly foi um leitor dos clássicos, com forte influência de Weber, por exemplo, e assim, de pesquisas relacionadas às abordagens históricas.

Em artigo de 1988, intitulado *Future history*⁴⁸, Tilly falou sobre o futuro da história, a partir da relação entre história e sociologia. Primeiramente discutindo o nascimento da sociologia, e as preocupações de seus primeiros autores, tais como Conte e Durkheim, envolvidos com temas de cunho histórico. Logo após, o autor discutiu o papel de autores americanos como Moore Jr. e Bendix, no contexto da relação história e sociologia, nos Estados Unidos pós-guerra. Durante a década de 1960, ainda no contexto norte-americano, Tilly mostrou o que chama de um ressurgimento do pensamento histórico e da pesquisa histórica na sociologia. Contudo, ponderou

⁴⁶ ALONSO; GUIMARÃES. Entrevista, p. 290.

⁴⁷ TILLY, Charles. History of and in Sociology. In: *Am Soc*, v 38, pp. 326–329, 2007, p. 326-327. Para Tilly, as sínteses de época dependem de fortes teorias sobre o que impulsiona a mudança e a variação humana. Ele criticava a predominância dessa tipologia de trabalho nos discursos públicos e reconhecia que se distanciava sensivelmente de sua prática histórica. Já a etnografia tenta explicar eventos históricos pela reconstrução de motivações, emoções e do estado de consciência de seus participantes. Já a comparação crítica presta-se a identificação de mecanismos e processos que atuam nas questões sociais.

⁴⁸ TILLY, Charles. Future history. In: *Theory and Society*, v. 17, pp. 703- 712, 1988. A discussão dos próximos parágrafos foi baseada neste artigo.



que ressurgimento era um termo muito forte, uma vez que mesmo com novas utilizações e espaços conquistados pela história no interior da sociologia, a abrangência ainda era bastante delimitada e restrita.

Por outro lado, aproveitou para criticar as ideias de desenvolvimento e de modernização, como dominantes em análises sociológicas de mudanças sociais de larga escala, nas décadas seguintes a Segunda Guerra. No final da década de 1980, Tilly mostrou que a virada para a história poderia ocorrer em qualquer um dos quatro níveis: meta-histórico, macro-histórico, ou micro-histórico ou no sistema-mundo. Contudo, no último tópico do artigo, denominado de medos e esperanças, Tilly questionou qual futuro teria o trabalho histórico na sociologia. Ele começou fazendo previsões, a primeira envolvendo um de seus medos: a institucionalização da sociologia histórica, como uma especialidade rotulada em comunidades científicas, revistas e com uma quota no mercado de trabalho.

Continuando, Tilly explicou que temia a institucionalização por duas razões: a primeira, porque o referido campo da sociologia histórica careceria de uma unidade intelectual, e, devido a sua própria natureza, esta unidade não deveria existir com facilidade. Em segundo lugar, porque a institucionalização poderia impedir a propagação do pensamento histórico para outras partes da sociologia, limitando boas contribuições possíveis da história. Tilly defendeu que a sociologia deveria abrir suas áreas para a história, para que assim os pesquisadores pudessem examinar a relação de suas variáveis em determinadas épocas, pois assim haveria uma “sociologia historicamente fundamentada de poder intelectual muito maior do que sua atual encarnação”⁴⁹.

Por outro lado, Tilly esperava que sociólogos históricos pudessem alargar pesquisas e comparações históricas entre nações, tanto a partir de perspectivas macro-históricas (seja para mercados, modos de produção, regiões), para análises sistêmicas do mundo que pudessem explicar porque o capitalismo europeu dominou grande parte da economia mundial, e também em estudos de micro-históricos que pudessem avaliar estruturas e processos, comumente estudados por sociólogos para épocas contemporâneas.

E, por esta maneira, Tilly defendia uma sociologia histórica ampliada, na qual as análises sociológicas pudessem ser historicizadas, ou seja, amparadas no tempo e espaço. E, semelhantemente, o autor defendeu a possibilidade de generalizações empíricas e/ou teóricas no sentido histórico. Em um segundo momento, a ampliação da sociologia histórica poderia trazer para a sociologia temas até então tratadas pela análise histórica, sendo mais sensível a

⁴⁹ _____. *Future history*, p. 710. Tradução livre da autora do seguinte trecho: “The result would be a historically grounded sociology of far greater intellectual power than its current incarnation.”



possibilidade de examinar como a ação de um momento dado pode influenciar uma ação posterior.

A ideia de Tilly residia na forma por ele pensada de que as relações sociais em tempos pretéritos, e seus resíduos, constroem as relações sociais atuais e seus resíduos, através de processos que produzem conexões dentro do tempo e espaço que vai além de uma correlação temporal e espacial simples. Desta forma, a estrutura existente ocupa um lugar que poderia ser de muitas outras estruturas alternativas, ou “em suma, os processos sociais são dependentes do caminho. É por isso que a história importa”⁵⁰. Isso porque os processos que ocorrem em determinado lugar, num determinado tempo afetam os próprios processos e a forma pela qual ocorrem.

Embora Tilly reconheça que há sociólogos pesquisando e produzindo sobre temas referentes, influenciados ou de cunho histórico, ele reivindicava a necessidade de mais incursões regidas pelas preocupações de tempo e espaço. Um pouco semelhante, neste sentido, é a opinião de Theda Skocpol, pois defende que as análises orientadas historicamente na sociologia tendem a ser especialmente atraentes nos dias de hoje, nos quais, segundo a autora, há tantas incertezas entre a continuação de tendências existentes e relações no futuro. Portanto, as análises “concebidas de forma amplamente histórica prometem possibilidades para a compreensão de como padrões passados e trajetórias alternativas podem ser relevantes, ou irrelevantes, para escolhas presentes”⁵¹.

O papel de Theda Skocpol é central no desenvolvimento da sociologia histórica e na visibilidade conquistada pelo subcampo. A autora, assim como Tilly, não defende que a sociologia histórica deva se tornar um subcampo da sociologia⁵², a intensão é de ela seja entendida como abordagem, aberta para a diversidade de temas, métodos e pesquisas, com um fio condutor relacionado a perspectiva histórica. Entretanto, a autora tem trabalhado atentamente para “desenhar de forma mais clara as fronteiras da emergente subdisciplina”⁵³, especialmente,

⁵⁰ TILLY. *Future history*, p. 710. Tradução livre conforme o seguinte parágrafo do texto: “Such processes produce connectedness within time and space that goes beyond simple temporal and spatial autocorrelation; every existing structure stands in the place of many theoretically possible alternative structures, and its very existence affects the probabilities that the alternatives will ever come into being. In short, social processes are path-dependent. That is why history matters.”

⁵¹ SKOCPOL, Theda. A imaginação histórica da sociologia. In: *Estudos de Sociologia (Araraquara)*, v. 9, n. 16, 7-29, 2004, p. 12.

⁵² Skocpol discute essa questão no tópico: “Is Historical Sociology a Subfield?” no seguinte texto: SKOCPOL, Theda. *Emerging Agendas and Recurrent Strategies*. In: SKOCPOL, Theda (ed.). *Vision and method in historical sociology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 359-362.

⁵³ MULHALL; MORAIS. *Mapeando o reino*, p. 25.



proporcionando aos pesquisadores metodologias, textos fundacionais e esquemas sobre a produção e as áreas de atuação dos sociólogos históricos. Para a autora:

No meu ponto de vista, a sociologia histórica é melhor compreendida como uma tradição contínua de pesquisa, sempre renovada, devotada para a compreensão da natureza e dos efeitos de estruturas de larga escala e processos fundamentais de mudança. Os desejos de responder a questões historicamente embasadas, e não a paradigmas teóricos clássicos, são a força diretiva. Com certeza, sempre houve e sempre haverá sociólogos que não questionam ou buscam responder questões macroscópicas, historicamente fundamentadas.⁵⁴

Skocpol define o grande campo de interesse da sociologia histórica, deixando transparecer sua visão estruturalista, neste trecho que nos serve de exemplo:

De forma fundamental, eles levantam questões sobre estruturas sociais ou processos compreendidos como concretamente situados no tempo e no espaço. Segundo, eles se referem a processos no tempo e seguem seriamente sequências temporais em busca das consequências. Terceiro, a maioria das análises históricas acompanha a inter-relação de ações significativas e contextos estruturais de forma a permitir a compreensão das consequências inesperadas e também das pretendidas nas vidas individuais e nas transformações sociais. Finalmente, estudos sociológicos históricos evidenciam os detalhes particulares e variáveis de formas específicas de estruturas sociais e padrões de mudança. As diferenças sociais e culturais, junto com processos temporais e contextos, são intrinsecamente de interesse para sociólogos orientados historicamente.⁵⁵

Por um lado, a autora afirma que as questões propostas pelos autores clássicos ficaram em segundo plano, especialmente, porque nunca foram respondidas totalmente. Por outro, ampliou a crítica aos pesquisadores que tentaram utilizar modelos anti-históricos para desenvolver questões macroscópicas. Neste sentido, defende que os sociólogos historicamente orientados tem a possibilidade de tratar e responder questões fundamentais sobre estruturas sociais e mudança social, interesse central da pesquisa de Skocpol, do que outros pesquisadores do mesmo subcampo que retém seus trabalhos a paradigmas teóricos genéricos. Em suma, a autora defende uma “extensão histórica de concepção”, ou seja, ela procura mostrar que os estudos historicamente orientados na sociologia possuem suas próprias lógicas e conteúdos, e, assim, o uso sistemático de materiais e fontes históricas.⁵⁶

Com relação às temáticas mais atraentes aos pesquisadores do subcampo, Skocpol defende um escopo variado, mostrando uma ampla gama de atuação, através de autores

⁵⁴ SKOCPOL. A imaginação histórica da sociologia, p. 11-12.

⁵⁵ _____. A imaginação histórica da sociologia, p. 7-8.

⁵⁶ SKOCPOL. A imaginação histórica da sociologia, p. 26 e SKOCPOL. Emerging Agendas, p. 359.



consagrados na sociologia e na história.⁵⁷ Ressaltando que alguns temas, além dos consolidados (como Estados, capitalismo, etc), podem ser ampliados, como os estudos de ideologias, religiões, transformações econômicas e geopolíticas, destinos das comunidades, tipos de organização, entre outros.

Skocpol constrói uma análise das questões centrais dos principais autores da sociologia histórica, aos quais ela procura caracterizar através da produção e da pesquisa, procurando mostrar também os campos de ação do subcampo.⁵⁸ Terry Mulhall e Jorge Ventura de Moraes⁵⁹ produzem uma crítica do modelo criado por Skocpol, que se baseia na distinção idiográfica-nomotética, dividindo a sociologia histórica em três grandes tipos de abordagem teórico-metodológico. Esta divisão realizada pela autora se deu entre a produção de caráter idiográfico e nomotético, e algo que se estabelece como um meio termo entre os dois anteriores, no qual estaria a obra da própria Theda Skocpol. No primeiro grupo, estaria o contraste de contextos, mais ligado à historiografia, e aos usos das comparações e dos tipos ideais e universais sociológicos, realçando a diferença entre casos, sem testes teóricos. No meio, estaria a análise macroestrutural, que apresentaria a comparação de casos históricos, operando a construção de generalizações teóricas limitadas. Por fim, no lado oposto, estariam as demonstrações paralelas da teoria, que seriam comparações entre casos para confirmar a teoria, deduzida de aspectos mais gerais.

Mulhall e Moraes⁶⁰ alegam que esta divisão fica restrita ao eixo idiográfico-nomotético e propõe outra classificação baseada na oposição agente e estrutura, criando assim quatro abordagens distintas: sociologia histórica interpretativa (análises na interpretação da ação dos agentes, seus símbolos, culturas, etc); sociologia histórica e teoria da escolha racional (teoria da ação, agentes racionalmente orientados e estruturalmente constrangidos, ações individuais e interesses); a sociologia histórica e os tipos ideias (cria modelos de sistemas em termos das motivações dos atores, focado nos agentes, ilumina trajetória histórica específica); e, por fim, o

⁵⁷ _____. A imaginação histórica da sociologia. Os autores escolhidos para a análise foram: Reinhard Bendix, Perry Anderson, E. P. Thompson, Charles Tilly, S. N. Eisenstadt, Immanuel Wallerstein, Barrington Moore Jr, Karl Polanyi e Marc Bloch.

⁵⁸ A construção de uma classificação dos autores e a divisão em grupos já estava presente no texto “Emerging Agendas and Recurrent Strategies”, de 1984. Naquele momento, os grupos eram mais ou menos considerados a partir de três perspectivas: aqueles que aplicavam um modelo geral à história; os que usavam conceitos para interpretação histórica; e os que analisavam regularidades causais presentes na história. Veja: SKOCPOL, *Emerging Agendas*, p. 362 e seguintes.

⁵⁹ MULHALL; MORAIS. Mapeando o reino, p. 26. Para os autores, a oposição entre idiográfica e nomotética se refere ao confronto “entre aqueles que argumentam que o modelo nomotético das ciências naturais é aplicável às ciências sociais e aqueles que argumentam que não é possível a formulação de leis sociais científicas gerais e que o modelo particularizante ou idiográfico é o correto nas ciências sociais.”.

⁶⁰ _____. Mapeando o reino, p. 27.



macroestruturalismo (constrói teoria que servirá de base para generalizações, relacionamento causal, comparativo).

Como ressaltou Margareth de Almeida Gonçalves, ao avaliar a produção e perspectivas de Skocpol e Barrington Moore Jr.:

A Sociologia histórica Macroanalítica enfrenta o impasse de como adequar suas generalizações históricas a experiências outras que não tenham trilhado trajetórias bem sucedidas no cenário internacional. Os maiores problemas de adequação dos avanços da Sociologia Histórica, no plano teórico e metodológico, surgem quando da sua aplicabilidade a sociedades do chamado Terceiro Mundo. Talvez a forte influência dos estudos sobre desenvolvimento dos anos 60 orientem esses dois trabalhos.⁶¹

Considerações Finais

Como alertou Theda Skocpol “ainda que ninguém consiga ignorar contextos estruturais e históricos, nem todos os sociólogos precisam investigar diretamente assuntos como as origens e o desenvolvimento do capitalismo e das nações-Estado...”⁶². Estes últimos dois temas são extremamente caros à sociologia e à história, contudo, mesmo mostrando as possibilidades para explorar grandes aspectos e questões centrais da exploração sociológica, não se restringe o espaço de atuação dos sociólogos históricos a eles.

Pelo contrário, tanto Skocpol quanto Charles Tilly, detentores de um amplo campo de atuação, demonstram que o principal é a forma, nem tanto o conteúdo. A forma porque a história por seu turno nesta relação sociologia-história obriga pesquisadores a lidar com outras lógicas, que não àquelas ligadas exclusivamente a sociologia, uma vez que os estudos oriundos da sociologia histórica, ou seja, os estudos historicamente orientados na sociologia, possuem suas próprias lógicas e conteúdos.⁶³

A abertura da sociologia para a história traz a possibilidades de examinar seus temas, questões, variáveis e relações em determinados espaços e épocas. Não se trata apenas de incluir o uso de materiais e fontes históricas ou de generalizações empíricas, mas, como defende Tilly, de propor uma sociologia com análises historicizadas, ou, dito de outra forma, um sentido histórico para ideias sociológicas.

⁶¹ GONÇALVES. O desafio da sociologia histórica, p. 81.

⁶² SKOCPOL. A imaginação histórica da sociologia, p. 11-12.

⁶³ SKOCPOL. A imaginação histórica da sociologia, p. 26 e SKOCPOL. Emerging Agendas, p. 359.



O contraponto intentado com a introdução de Sewell neste texto procura ressaltar uma contribuição diferente, de um historiador de formação, com renome na teoria social, que apresenta menor produção, mas ampla discussão conceitual, e que nos mostra que o subcampo está aberto, aceitando uma gama diferenciada e ampla de estudos e pesquisadores. Somos instigados, assim, a refletir sobre outras possibilidades investigativas, com a união de fundamentos teóricos sociais, com pesquisas de amplo fôlego e caráter histórico. Possibilidades talvez ainda maiores para a realidade brasileira, uma vez que existem ainda poucos estudos e pesquisadores centrados nas questões delimitadoras da sociologia histórica, e, portanto, parece que estamos longe de encerrar esta discussão.